

PRÓLOGO

Praticamente desde o início (com *O Caminho Fica Longe*, em 1943), a obra de Vergílio Ferreira foi-se consolidando sob o signo do lume, que o mesmo é dizer, sob o signo dessa matéria incandescente de que é feito o homem, com as suas inquietações e os seus sonhos, buscando sempre na ambivalente experiência do fogo (que destrói, mas que ilumina e purifica também) uma implícita via de acesso ao sentido. Os seus textos são, assim, tributários de uma ética e de uma estética do fogo (na sua dupla condição de iluminação e incandescência), de que o reiterado conceito de aparição, essa zona limite da racionalidade para além da qual a evidência é um ferro em brasa, é talvez a mais alta chama.

Os oito textos que compõem este volume, escritos entre 2000 e 2005, tratam justamente de sublinhar, mau grado a inspiração académica que presidiu à sua escrita, essa vocação do lume tão característica do universo vergiliano e onde ecoa ainda algo das raízes beirãs do autor – o crepitar do lume doméstico no buraco negro da lareira da infância, cujo calor Vergílio Ferreira estendeu depois a romances como *Manhã Submersa*, *Alegria Breve* ou *Para Sempre*.